



**ROLEZINHO
DA CIDADE**

**O PANORAMA
DAS JUVENTUDES
NAS OCUPAÇÕES**

PESQUISA SOBRE O PANORAMA DAS JUVENTUDES NAS OCUPAÇÕES (2023)

Introdução

A pesquisa iniciada em janeiro de 2023 teve como objetivo o levantamento de informações e percepções das lideranças em relação às juventudes de dez ocupações localizadas no centro da cidade de São Paulo e acompanhadas pelo Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos (CGGDH). Para atingir tal objetivo, um questionário contendo perguntas abertas e fechadas foi aplicado junto às lideranças dessas ocupações - e que compõem os movimentos organizados na defesa do direito à moradia e à cidade; sendo composto por seções temáticas de identificação, perfil, atividades cotidianas (indicativos gerais), desafios atuais e olhares sobre as juventudes nas ocupações.

A equipe de entrevistadoras e entrevistadores foi composta por integrantes do CGGDH e de instituições parceiras, a saber: Defensoria Pública do Estado de São Paulo, Museu da Energia de São Paulo, Museu da Língua Portuguesa, Pinacoteca de São Paulo e Sesc Bom Retiro.

Ressalta-se que a pesquisa compreende as juventudes com base na definição contida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Estatuto da Juventude e também a idade mínima para participação nas duas edições do projeto "Rolêzinho na Cidade", ponto de partida para a realização do estudo em questão. Assim, entende-se como juventude a pessoa entre 14 e 24 anos, sendo de 14 a 17 anos "jovem adolescente" e de 18 a 24 anos "jovem adulto".

Não só a partir do objetivo da pesquisa, pretende-se realizar um segundo estudo tendo como grupo focal as e os jovens destas ocupações, considerando a hipótese de um possível conflito geracional expresso nas respostas obtidas com as lideranças entrevistadas. Com o resultado de ambos os estudos, espera-se construir um conjunto de atividades educativas e culturais para com as juventudes das ocupações, reconhecendo sua agência e protagonismo com as instituições parceiras.

Realização

Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos (CGGDH)

Defensoria Pública do Estado de São Paulo (DPESP)

Museu da Língua Portuguesa (MLP)

Pinacoteca do Estado de São Paulo

Sesc Bom Retiro

Ocupações de moradia

Frente de Luta por Moradia (FLM)

Associação Capitão Salomão

Movimento de Moradia na Luta por Justiça (MMLJ)

Movimento de Moradia do Centro (MMC)

Movimento de Moradia e Inclusão Social (Inclusa)

Revisão textual: Lucas Henrique de Toledo Freitas e Uma Reis Sorrequia

Revisão acadêmica: Luciana Moreira

Diagramação: Tatiana Oliveira / Sabrina Duarte

APOIO



FORD
FOUNDATION

MISEREOR
IHR HILFSWERK

Justificativa

A baixa participação e engajamento das juventudes das ocupações participantes nas duas edições do projeto “Rolêzinho na Cidade” evidenciou a necessidade de realização da pesquisa para aproximação e envolvimento desse grupo na construção do evento.

Objetivo

Levantar informações e percepções das lideranças em relação às juventudes de dez ocupações localizadas no centro da cidade São Paulo e acompanhadas pelo CGGDH visando sua participação na construção de atividades educativas e culturais junto às instituições parceiras.

Procedimentos e metodologia

Entrevista estruturada quali-quantitativa, participativa e amostral realizada com lideranças dos movimentos de moradia presentes nas ocupações selecionadas. Para registro e análise dos resultados do questionário, foram realizados três encontros virtuais entre trabalhadoras e trabalhadores do CGGDH e instituições parceiras.

Campo amostral

As ocupações selecionadas localizam-se na região central da cidade de São Paulo, na subprefeitura da Sé e foram escolhidas por serem atendidas pelo CGGDH.

Considerações iniciais

- Adotar um local específico e comum para a aplicação de questionários futuros, considerando que a dinâmica das ocupações impactou - positiva ou negativamente - a concentração e, conseqüentemente, a profundidade e credibilidade das respostas dadas;
- Construir segundo momento de estudo junto às juventudes, tendo em vista que parte das informações levantadas na presente pesquisa envolve a percepção das lideranças em relação às e aos jovens residentes das ocupações;
- Notar que as respostas são obtidas a partir da memória e atuação de cada uma das lideranças entrevistadas sem quaisquer acessos a cadastros ou afins;
- Observar as divergências entre as lideranças e juventudes no entendimento da luta política por moradia por impactarem no engajamento destes últimos nos movimentos organizados, sobretudo pelo pouco protagonismo que possuem na construção de pautas;
- Planejar um momento em que as lideranças entrevistadas possam dialogar entre si como forma de complementação das percepções levantadas no presente estudo;
- Reconhecer as ocupações como um espaço político dinâmico e orgânico em constante reorganização pela luta e defesa do direito à moradia;
- Refletir sobre o conflito geracional entre as lideranças e juventudes que residem nas ocupações estudadas como um aspecto que contribui diretamente com o distanciamento entre tais grupos motivados por questões sociais, culturais e tecnológicas (por exemplo: experiência digital das e dos jovens como propulsor do desinteresse pelas atividades da ocupação);
- Salientar a correlação existente entre o tempo da ocupação e sua consolidação dentro do movimento de moradia ao trabalho realizado junto às juventudes e as atividades a elas oferecidas;
- Ter em conta que algumas lideranças entrevistadas não consideram “jovens” aquelas e aqueles que são chefes de famílias, visto que “família” funciona como unidade organizacional das ocupações e movimentos;

- Traçar um panorama de como se deu a juventude das atuais lideranças, bem como seus interesses pelas atividades que ocorriam nas ocupações como estratégia na construção de ações;
- Utilizar o segundo momento do estudo (ou seja, o questionário com as juventudes) para compreender quais ações e movimentos são pensadas e realizados pelas e pelos jovens das ocupações para que as barreiras geracionais, sociais, culturais e tecnológicas em relação às lideranças sejam rompidas.

Resultados sistematizados

Identificação das 10 ocupações (1.1)¹

Av. Paulista com Rua da Consolação (Penha Pietra)
 Av. Prestes Maia, 911
 Av. São João, 288
 Rua Capitão Salomão, 49, 55, 59
 Rua Carlos de Souza Nazaré, 637 (Mercedes Sosa)
 Rua Conselheiro Nébias, 314
 Rua Dias Leme, 320
 Rua Dr. Penaforte Mendes, 30
 Rua Martins Fontes, 180
 Rua Mauá, 340

Sobre o tempo de atuação como liderança na ocupação (1.3): a maioria das e dos entrevistadas/os possuem mais de cinco anos como liderança nas ocupações. A permanência dessas/es representantes por longos períodos de tempo pode ser um indicativo da não aderência das juventudes nas atividades propostas nesses espaços, como evidenciado no decorrer do presente estudo.

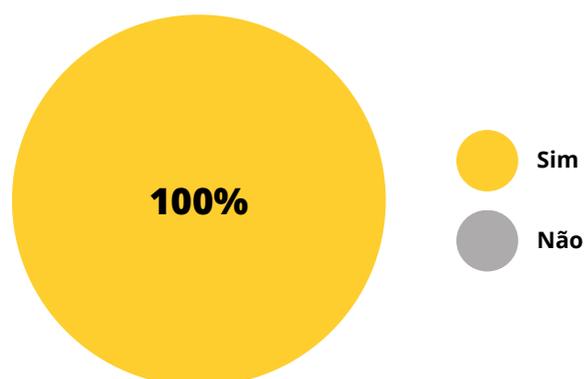


¹ As numerações entre parênteses referem-se aos itens no formulário da pesquisa.

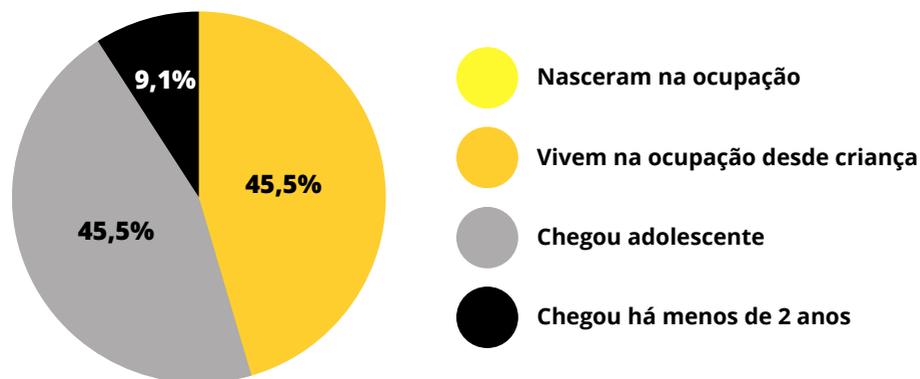
Sobre o cadastramento das famílias na ocupação (2.1): das lideranças entrevistadas, todas relataram que o cadastro das famílias residentes nas ocupações está atualizado. Tal formalização e organização é essencial para a manutenção das atividades do espaço e da transparência na gestão, além de fundamentar a luta por moradia e evitar possíveis processos de criminalização (por exemplo, movimentos de moradia que exigem o cadastramento para segurança e defesa das e dos moradoras/es em ações judiciais).



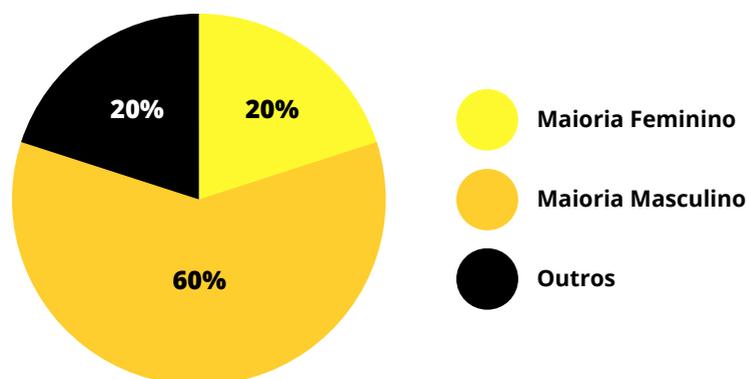
Sobre a quantidade de jovens, na faixa etária entre 14 e 24 anos, que integram a ocupação (2.2): apesar do conhecimento unânime das lideranças em relação ao número de jovens residentes nas ocupações, algumas reflexões se fazem necessárias: não há como definir se há uma quantidade significativa dessa juventude sem que haja um controle absoluto de moradoras e moradores; mesmo com a faixa etária sinalizada na questão, há a possibilidade de crianças (ou seja, pessoas menores de 14 anos) terem sido consideradas pelas lideranças e, não só, a juventude que trabalha e/ou que é responsável pelo lar, desconsiderada.



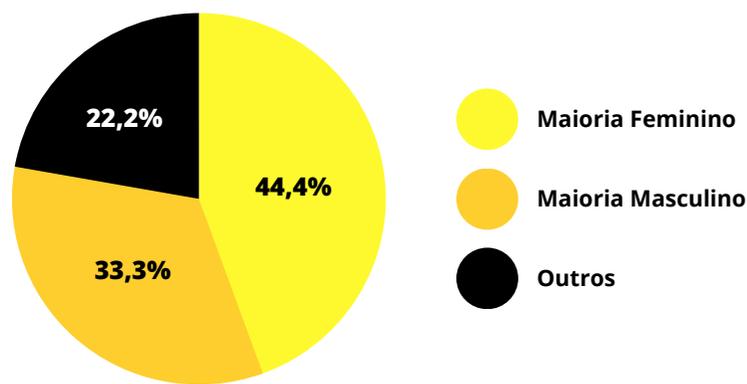
Sobre o tempo dos jovens na ocupação (2.3): nota-se que metade das e dos jovens residentes chegaram às ocupações ainda quando crianças, enquanto a outra metade vivenciava o período da adolescência. Em ambos os casos, o ingresso se deu com seus familiares (aqui, ressalta-se que a inclusão de pessoas nas ocupações é permitido, majoritariamente, para famílias formadas por mulheres e crianças, por isso não há entrada de jovens isoladamente). Ainda, as lideranças destacaram que o número de jovens que deixam as ocupações é cada vez maior, porém, ao constituírem família, retornam a estes espaços coletivos.



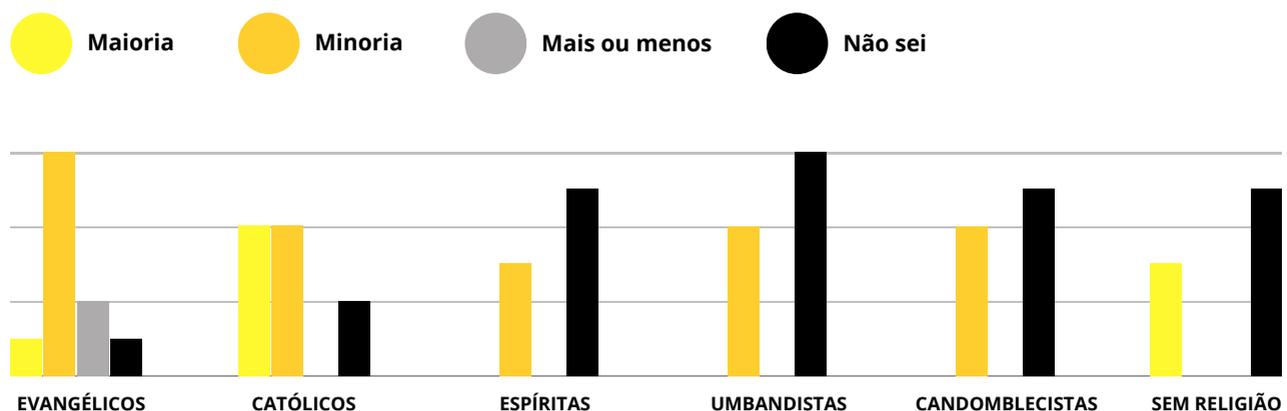
Sobre o gênero dos jovens na faixa etária entre 14 e 18 anos (2.4): constata-se, a partir da percepção das lideranças, que a juventude com idade entre 14 e 18 anos residente nas ocupações é composta majoritariamente por indivíduos do gênero masculino (60%), seguido pelo gênero feminino (20%). A proporção não é comum para todas as ocupações do estudo, tendo em vista que há uma variação no número absoluto de jovens nestes espaços.



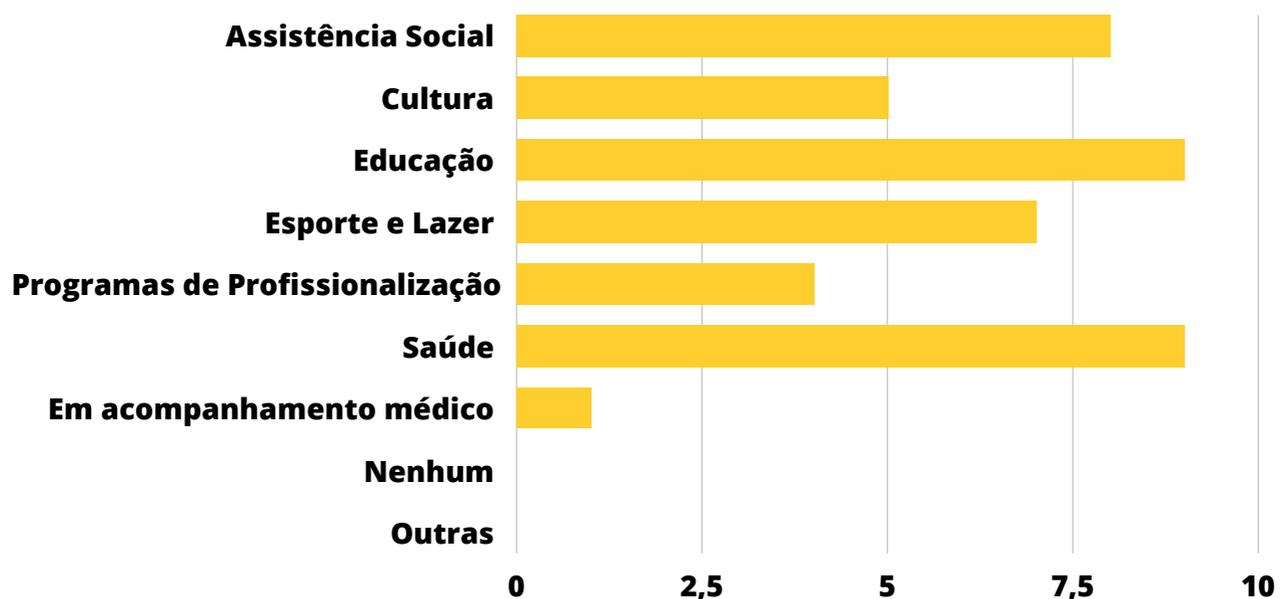
Sobre o gênero dos jovens na faixa etária entre 19 e 24 anos (2.5): em contraste ao que foi elucidado anteriormente, há um aumento no número de indivíduos do gênero feminino nas ocupações (44,4%), em detrimento do gênero masculino (22,2%). Uma possível explicação para o fato é a de que os jovens optam ou são compelidos a deixarem as ocupações por não aderirem às regras de convivência (por exemplo, uso de bebida alcoólica, práticas machistas, não engajamento no movimento de moradia, entre outros).



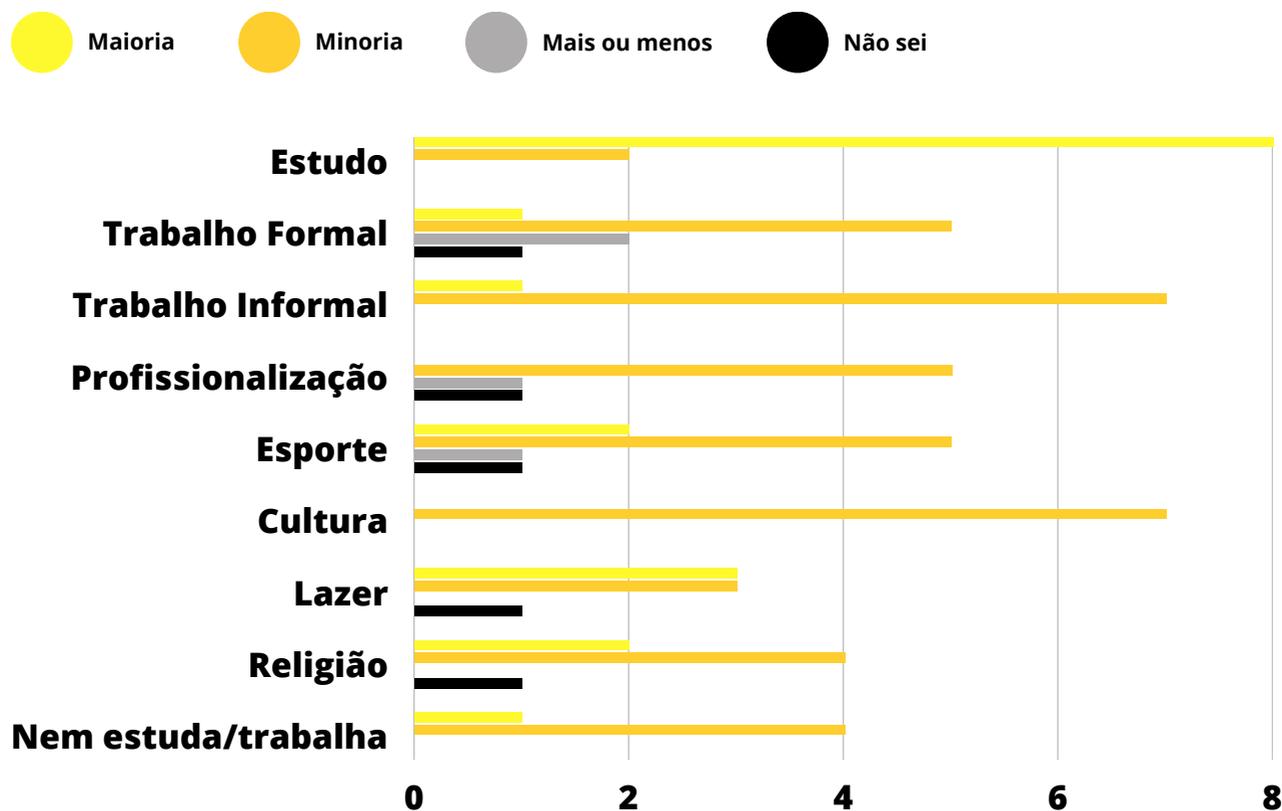
Sobre a religiosidade (prática da fé) (2.6): verifica-se que há um número significativo de pessoas católicas e evangélicas. Quanto aos umbandistas, espíritas e candomblecistas, o percentual é menor, seja pelo não conhecimento das lideranças em relação às/aos praticantes dessas religiosidades, seja por processos de invisibilização, além da ausência de espaços que possibilitem a manifestação dessas práticas. Há, também, um número considerável de indivíduos que, na perspectiva das lideranças, não praticam nenhum tipo de religião.



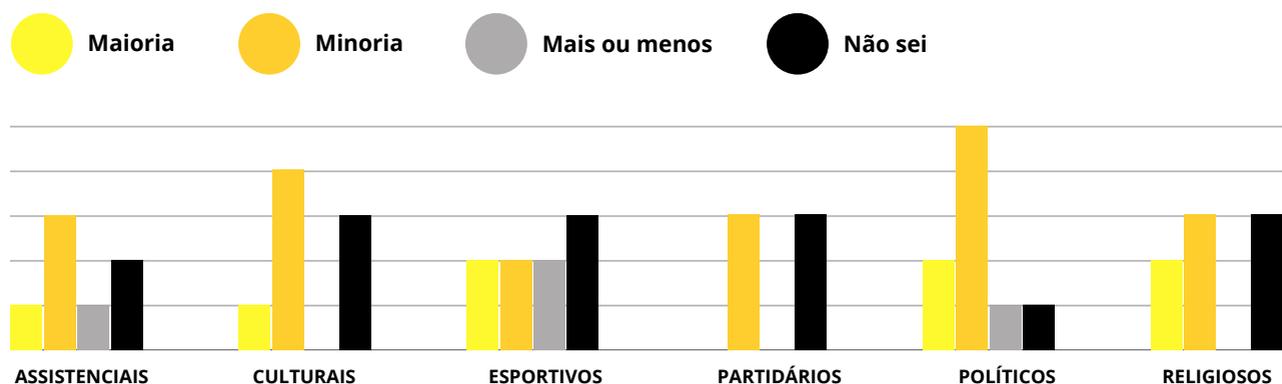
Sobre o acesso a políticas públicas pelas juventudes da ocupação (2.7): a partir da análise dos dados, a predominância no acesso às políticas públicas de educação e saúde pode estar associada à obrigatoriedade do ensino e do atendimento de saúde para a realização do cadastro nas ocupações. A assistência social aparece em seguida, tendo em vista a situação de vulnerabilização vivenciada pelas e pelos residentes, sobretudo em relação à moradia.



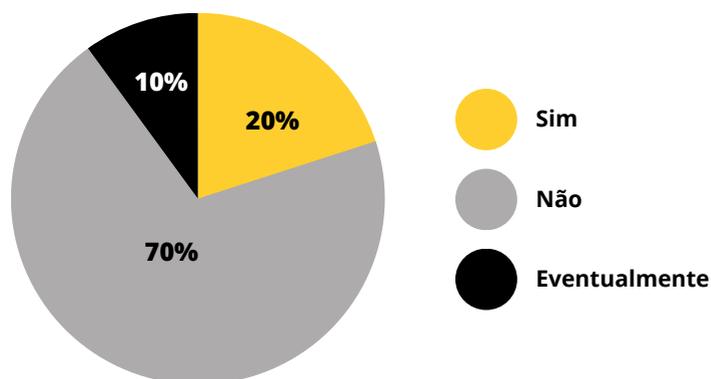
Sobre quais são as principais atividades realizadas pelos jovens no cotidiano (3.1): a maioria das e dos jovens estudam, principalmente nas ocupações que exigem a frequência escolar às famílias; um baixo percentual possui vínculo empregatício formal. Aqui, vale salientar a possibilidade do resultado não condizer com a realidade pela não consideração de trabalhadoras e trabalhadores como pertencentes à juventude. No mais, as lideranças apontaram que o uso demasiado de tecnologias pode ser um dos aspectos que justifique o distanciamento da juventude de atividades culturais, cuja predominância na participação se dá, sobretudo, pelas pessoas do gênero feminino. A cultura é vista, inclusive, como um não-lugar para as e os moradoras/es das ocupações, que não identificam suas ações como sendo pertencentes à esse campo. Por fim, o esporte é, geralmente, a atividade que possibilita a participação da juventude em outras ações coletivas nas ocupações.



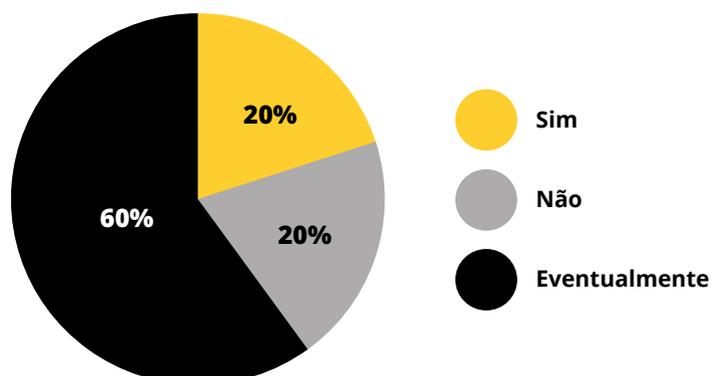
Sobre a participação em coletivos, entidades ou movimentos (3.2): a maioria das ocupações não possuem participação ativa das juventudes em coletivos, entidades ou movimentos para além dos que envolvem a temática esportiva e/ou religiosa. As de caráter político, por serem obrigatórias, também possuem participação significativa. Sublinha-se, também, a falta de conhecimento e entendimento das lideranças entrevistadas sobre os espaços de participação ativa das juventudes. Destaca-se que não foi possível dimensionar o tipo de participação, entre o "apenas estar presente" e o "engajar-se" na realização do evento.



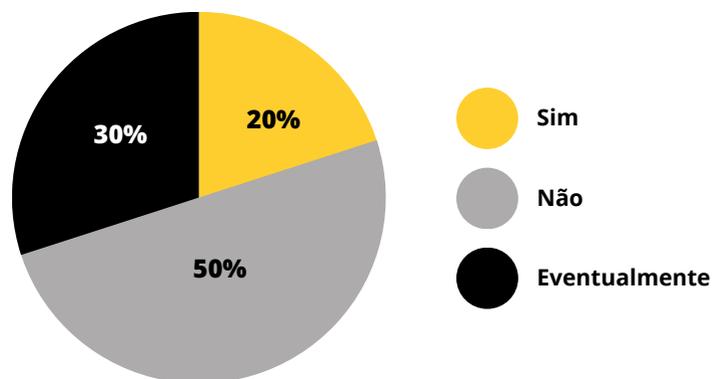
Sobre as tarefas ou funções realizadas pelas e pelos jovens e quais possuem maior participação (3.4 e 3.5): a maioria das obrigações nas ocupações são realizadas pela responsável familiar (a mãe, majoritariamente); quando não há possibilidade de sua participação, a juventude a substitui, sobretudo nos mutirões de limpeza e organização do espaço. Aqui, verifica-se que a participação de mulheres jovens é predominante nessas atividades. Para além da questão do machismo e patriarcado, isso se dá, pois, uma parcela significativa de jovens do gênero "masculino" são expulsos das ocupações por descumprirem as regras de convivência (ver item 2.5). Ainda, a participação da juventude em atividades culturais/artísticas também ocorre, desde que a ocupação possua um calendário permanente de intervenções, como é o caso da Penha Pietra.



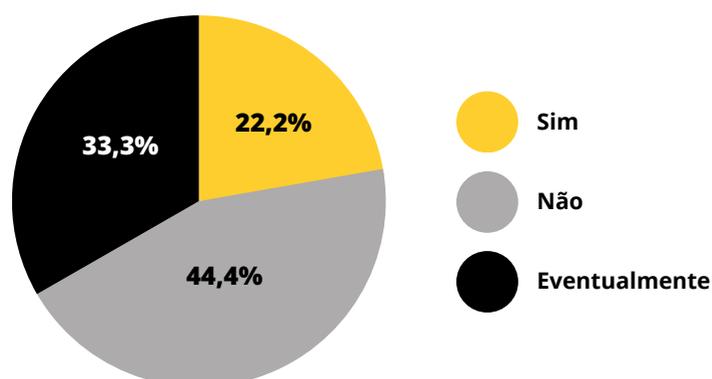
Sobre a participação e interação dos jovens nas assembleias (3.6), considerando, a partir dos resultados anteriores, a não participação da juventude nas assembleias, o item em questão revela que mais da metade das e dos jovens frequentadoras/es dessa atividade coletiva não participam ativamente, ou seja, não interagem nem propõem reflexões.



Sobre a existência de pautas específicas destinadas para as juventudes nas assembleias da ocupação e quais as atividades que geram interesse e participação: (3.7 e 3.8): não há como determinar o quanto a ausência de pautas específicas para a juventude impacta sua participação nas assembleias. De todo modo, constata-se que as atividades em que há maior participação das e dos jovens 1) não são frequentes e/ou permanentes nas ocupações (festividades, por exemplo), com exceção do futebol - em que há predominância de jovens do gênero masculino; e 2) são coletivas e possuem a juventude como público majoritário.



Sobre a participação dos jovens na organização das atividades da ocupação (3.9): a partir das respostas anteriores, compreende-se que a participação da juventude na execução das atividades não implica necessariamente em sua participação na organização.



Sobre a existência de canais de comunicação para a juventude (com as lideranças e/ou com a ocupação e/ou entre eles) (3.10): não há canal específico de comunicação direta entre lideranças e juventudes. Uma hipótese levantada é a de que tais espaços existam, porém, sem o conhecimento das/os líderes. Somente duas ocupações possuem canais diretos com as e os jovens pelo tipo de atividade desenvolvida (por exemplo, o grupo de futebol da Mauá).

Sobre a existência de espaços específicos de mediação de conflitos com a juventude (4.2): a maioria das respostas sinalizam para uma relação direta entre conflito e juventude, o que justifica, em maior ou menor grau, a impermanência da participação desse grupo nas atividades da ocupação. Como questionamento: os conflitos condicionam a não participação ou a não participação condiciona os conflitos? Apenas uma liderança mencionou o uso da cultura/arte como ferramenta de diálogo/mediação.

Sobre as principais dificuldades com os jovens em relação ao mundo digital (4.3): as respostas apontam para dois fenômenos antagônicos, porém, complementares: 1) uso excessivo da tecnologia, impactando diretamente o convívio da juventude nas ocupações e 2) falta de acesso à tecnologia, inclusive para uso educativo, corroborando os dados sociais sobre exclusão digital em populações de baixa renda.

Sobre os principais desafios vividos com a juventude durante a pandemia (4.4): o maior desafio envolve a dificuldade em efetivar o direito à educação pela realização de atividades escolares em casa, especialmente pela falta de estrutura, orientação e suporte do poder público. Evidencia-se, ainda, dois obstáculos iminentes: 1) vivenciar a juventude no período mais restritivo da pandemia e 2) manter o isolamento social de modo efetivo, considerando a dinâmica das ocupações.

Sobre os desafios em relação aos jovens com deficiência ou questões de saúde mental (4.5): as respostas demonstram que há um número ínfimo de pessoas com deficiência residindo nas ocupações. Quando há, os cuidados são realizados especificamente pelos familiares. Em relação à saúde mental, o

número também é mínimo. Aqui, vale refletir sobre a possibilidade de algumas e alguns jovens viverem com depressão e/ou ansiedade, mas sem um diagnóstico médico (falta de acesso à saúde e/ou estigma envolvendo tais quadros podem justificar essa situação).

Sobre como a liderança acha que os jovens se veem enquanto moradores de ocupação, sentimento de pertença (5.1): de modo geral, nota-se que, a partir da metodologia de gestão da ocupação, bem como sua organização política - que possibilita a conscientização, a partir da condição de moradia e interação social -, há maior ou menor grau de engajamento da juventude. Ademais, a percepção de pertencimento à ocupação varia conforme a idade e tempo de permanência no espaço: há jovens que, parafraseando a liderança, “sentem vergonha” da condição de moradia e sentem-se pertencentes somente com o decorrer dos anos, seja por compreender o seu caráter político, seja por se acostumarem com a dinâmica interna.

Sobre as principais dificuldades com a juventude da ocupação (4.1) e a maior preocupação/medo/desafio/dificuldade da liderança em relação às juventudes da ocupação (5.2): as preocupações levantadas pelas lideranças envolvem o uso abusivo de álcool e outras drogas, não manutenção dos estudos, (im)permanência na ocupação mesmo durante a vida adulta e a dificuldade de propor atividades que instiguem a participação deste grupo. Ainda, a partir dos apontamentos, há a compreensão de que o estudo e trabalho configuram-se como alternativas na garantia de melhoria de qualidade de vida. Pode-se refletir, também, se há a reprodução de estigmas envolvendo o uso de cannabis pelas e pelos jovens, muitas vezes utilizada sem ocasionar riscos à saúde. Por fim, evidencia-se certa culpabilização da juventude pela vulnerabilização em que se encontram, como se houvesse desinteresse por parte deste grupo em pensar estratégias que os possibilitem sair desta situação.

As lideranças apresentaram seu desejo para as juventudes da ocupação (5.3): os relatos apontam para a conquista de direitos básicos e qualidade de vida como desejo para a juventude, sobretudo educação, moradia e trabalho; o acesso à vida digna por intermédio da educação, por exemplo, é visto como

um caminho para distanciá-la da criminalidade. Vale refletir, também, sobre a possibilidade dessas lideranças projetarem seus desejos nas/os jovens, o que, na prática, contribuiria para o distanciamento desse grupo nas atividades da ocupação (criam-se expectativas sem que haja possibilidade de colocá-las em prática). Por exemplo, a condição de ocupante é vista como transitória e de luta política por direitos, logo, espera-se certo engajamento da e do jovem com o movimento de moradia, sem considerar, em alguns casos, seus desejos para além da dinâmica da ocupação. No momento em que a/o jovem manifesta seu interesse particular, é visto como desinteressada/o pelas demandas coletivas.

O que as lideranças desejam para seus jovens!

Adultos darem o exemplo para as crianças e adolescentes. Todo o coletivo deve dar o bom exemplo. Proporcionar um ambiente seguro e harmonioso. Proporcionar formação e qualidade de vida. Possibilidade de prosperar e progredir como pessoas e como militantes do movimento. Não deixarem de se engajar. Conquistar sua moradia, mas manter a organização. Acesso à cultura, saúde, lazer, boa alimentação. Essa juventude será o movimento amanhã. Formar lideranças. Uma pessoa que cresce e se desenvolve em uma ocupação não vai para o mundo da mesma forma. Percepção coletiva entranhada. Ver tudo de maneira coletiva. Espera-se que crianças e jovens das ocupações tenham oportunidade de vida digna. Estudar, se inserir no mercado de trabalho, viajar.

Conclusão dos estudos. Obter um serviço melhor. Acessar faculdade. Ter uma vida melhor no futuro próprio.

Consigam realizar seus sonhos/desejos. Aprender e trabalhar com tecnologia. Não ser mal vistos por onde estejam.

Construir oportunidades. Construir algo coletivo com eles e não para eles. Sociedade capitalista oferece e aprofunda o individualismo, que saibam o valor do coletivo. Ter outras oportunidades com governos abertos ao diálogo, que combatam a fome e ofereçam experiência cultural coletiva.

Deseja-se que eles consigam a moradia própria, se formem na escola e conquistem o que quiserem.

Projeto para obter bolsa (ter dinheiro) e trabalhar na própria ocupação. Aprender uma profissão e ter sustentabilidade econômica. Criar grupo para o debate político, apesar de não saber contextualizar historicamente a questão da moradia. Entenderem a história da propriedade privada.

Que eles encontrem um caminho bom, se profissionalizem, participem do movimento e se tornem lideranças, é um sonho na verdade.

Que estudem. Que possam realizar todo o seu potencial. Que sigam as profissões que escolherem.

Que estudem. Tenham uma vida normal (de busca de uma casa, educação e trabalho), sem entrar na criminalidade.

Que houvesse local de lazer para os jovens frequentarem para terem outras oportunidades.

Que os jovens tenham esperança de futuro. Superar as expectativas de marginalização e criminalização. Esperança com o futuro.

Comentários e reflexões sobre sua experiência com os jovens da ocupação (5.4): as lideranças destacaram a necessidade de melhoria do diálogo entre as famílias e as juventudes, oferta de espaços de formação e capacitação permanente, revisão da metodologia utilizada para o desenvolvimento de atividades e dos processos de educação formal e informal em que há (e para que haja) participação deste grupo.

Sugestões para futuras pesquisas: ampliar o campo amostral do estudo e incluir o recorte de raça/etnia no questionário aplicado às juventudes.

Considerações Finais

“Os jovens hoje crescem em um contexto de “democracia consolidada” (coloco as aspas aqui, uma vez que fica difícil nos dias de hoje afirmar que vivemos uma democracia plena), com políticas públicas de inclusão (seja por consumo, conforme coloquei acima, seja por políticas que anos de governo progressista nos proporcionou) ao mesmo tempo em que o capitalismo se desdobra na sua pior face neoliberal, com ascensão de governos de ultradireita, individualismo das relações sociais, crises na democracia e uma grande precarização de diversas esferas da vida. (...) Não conseguimos mais usar antigas abordagens de mobilização para sujeitos que estão sendo formados por um outro mundo, com outros problemas e outras urgências.” Luciana Moreira

No percurso metodológico da pesquisa, considerou-se que buscar informações sobre o perfil das juventudes a partir das lideranças não se trata de negar a importância de dialogar diretamente com as juventudes, tampouco negar possíveis atravessamentos - inclusive a impossibilidade de afirmações conclusivas - mas sim compreender sobre as juventudes em diálogo com as dinâmicas e relações coletivas que ocorrem no interior das ocupações que

participaram da pesquisa, abrindo caminhos para estruturar melhor as atividades que propomos desenvolver e futuras pesquisas diretamente com as e os jovens.

O resultado obtido pode contribuir para refletir sobre as juventudes no contexto de luta por moradia e do direito à cidade. Normalmente, o termo juventude representa um período da vida marcado por transição ao mundo adulto, como se fosse entrar no portal da responsabilidade para garantir o sustento da vida. Doce engano. É uma fase cheia de transformações, sejam biológicas ou sociais, em que o mundo do encanto infantil deixa de existir para entrar no mundo da dura realidade adulta. Também é visto como uma fase de esperança, pela energia que possuem, pela possibilidade de ter alguém para assumir os desafios da vida adulta.

Esse período de transição também é marcado pela dificuldade da sociedade em romper com formas rígidas de organização, baseadas numa lógica que invalida saberes e potencialidades daqueles considerados menos experientes, mesmo falando sobre a importância da inclusão das e dos jovens, é nítida a distância entre as expectativas e ações efetivas que reconheçam o protagonismo das juventudes, respeitem as suas especificidades e, de fato, possibilitem envolvimento na construção dos processos e nas decisões sobre os espaços em que estão inseridas/os.

A pesquisa demonstra que, para as lideranças, a juventude do movimento de moradia carrega a possibilidade e mesmo o compromisso de um futuro melhor, com acesso e garantia dos direitos fundamentais, sem violações e violências de qualquer natureza. No entanto, existem desafios a serem enfrentados, especialmente na luta pela moradia, a começar pelo engajamento no movimento organizado de moradia, a participação na vida coletiva da ocupação, a resistência aos preconceitos e discriminações pelo território que ocupam na cidade e o lugar que ocupam na estrutura social. Todas são filhas e filhos de trabalhadoras e trabalhadores que buscam sobreviver em uma cidade marcada pela opulência da riqueza e sua má distribuição, além das inseguranças e incertezas da vida, principalmente para uma população majoritariamente negra que apesar dos avanços alcançados pela democracia, enfrenta no cotidiano o legado da escravidão brasileira, o que impõe severas contradições no exercício da cidadania e acesso aos direitos.

A visão das lideranças aparece, de certa forma, limitada à sua dinâmica tradicional de gestão do movimento ou da ocupação. O velho nem sempre acolhe o novo. Foi essa a percepção da pesquisa, em que se faz necessário requalificar a consciência política das lideranças para as juventudes, evitando reduzir as juventudes à marginalização ou criminalidade, buscando conhecer melhor as diversas identidades das e dos jovens, as suas dinâmicas e a multiplicidade de linguagens que podem viabilizar a comunicação, assim como compreender que há outros sonhos, desejos e motivações que atravessam suas necessidades para além da luta por moradia e dos acessos limitados pelos contextos estruturais e conjunturais.

Percebe-se que, em ocupações que existem atividades de esporte e cultura, há maior diálogo e aproximação com as juventudes, porém, a centralidade de esportes considerados masculinos limita o perfil das e dos participantes. É oportuno refletir se a existência dessas atividades está relacionada a uma menor diferença geracional entre a liderança e as e os jovens.

Um primeiro passo é sistematizar as informações sobre as juventudes nas ocupações - juventudes no plural, considerando que a literatura científica aponta que tal grupo não possui características homogêneas - a partir do cadastro da ocupação para, em seguida, construir espaços e métodos de escuta desse grupo para conhecer seus olhares, perspectivas e sonhos. Acreditamos que esse pode ser um dos caminhos possíveis para vencer preconceitos em relação às juventudes e criar uma agenda de ações com e para elas.

Outro caminho possível para a efetiva participação das juventudes na organização da ocupação é garantir uma representação do grupo na coordenação, além da criação de espaços de colaboração mútua, buscando acolher metodologias e pautas dentro da realidade e necessidades das e dos jovens.

Uma colaboração mútua entre as lideranças e as juventudes é a utilização dos conhecimentos e facilidades desses últimos com o mundo digital para uma melhor e mais eficiente gestão e organização das ocupações, bem como uma importante ferramenta de comunicação para os movimentos de luta por moradia dentro do contexto político de disputas de narrativas, a partir das redes digitais.

As juventudes não devem ser reféns de um pensamento individualista que os

culpabiliza pelas suas trajetórias de vida. Aliás, elas são produto do seu contexto, portanto, do próprio movimento que tem a ocupação como instrumento de luta por moradia.

Ainda que as lideranças demonstrem em seus discursos uma crítica à estrutura capitalista que impede a efetivação dos direitos e garantias fundamentais, quando a nível do sujeito, acabam por reproduzir discursos dominantes e hegemônicos que culpabiliza as juventudes, como se fosse uma escolha e não uma série de problemas estruturais que desencadeiam em uma condição de ser jovem nos dias de hoje.

Nesse contexto, propomos duas indagações:

- Como superar a lógica capitalista-individualista quando olhamos para as juventudes, lógica essa supervalorizada pelo modo de vida neoliberal com a inclusão do sujeito pela via consumo?
- Como construir e vivenciar experiências coletivas com e para juventudes e que sejam propostas por elas?

Nos vemos na caminhada!!!